
Educação e Geografia Escolar: os Dilemas, Desafios e o Papel do Professor na Construção do Conhecimento

Education and Geography School: the Dilemmas, Challenges and the Teacher's Role in Knowledge Construction

Vanessa Manfio

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e doutoranda em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: vanessamanfio@yahoo.com.br

Melina Dornelles Severo

Licenciada e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: melinasevero@gmail.com.

Cássio Arthur Wollmann

Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: cassio_geo@yahoo.com.br

Recebido: 23 de maio de 2015 Aceito: 29 de julho de 2016
Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

Resumo - A educação vem passando por transformações essenciais para o novo mundo em que vivemos, dessa forma, não se pode entender a educação como antigamente, pois as técnicas, valores e conhecimentos eram diferenciados. Os desafios eram outros e as dificuldades também. Hoje os problemas são marcados, principalmente pela desvalorização profissional do professor e o desinteresse dos alunos em frequentar a sala de aula. Nesse sentido, o presente artigo pretende dialogar a respeito da educação, especialmente do ensino de geografia e do papel dos professores no processo de ensino-aprendizagem, buscando contribuir com as discussões em curso sobre a educação brasileira.

Palavras-clave: Ensino/aprendizagem; Dilemas da educação; Geografia Escolar.

Abstract - Education is undergoing essential changes to the new world in which we live that way, you cannot understand education as old as the technical, values and knowledge were different. The challenges were different and the difficulties as well. Today the problems are marked mainly by professional devaluation of the teacher and the students' disinterest in attending the classroom. In this sense, this article aims to talk about education, especially the teaching of geography and the role of teachers in the teaching-learning process, seeking to contribute to the ongoing discussions on the Brazilian education.

Keywords: teaching/learning; dilemmas of education; School Geography.

Introdução

No contexto contemporâneo, surgem novos dilemas e discussões a respeito da educação e do papel do professor no processo educacional, devido às mudanças sociais, econômicas e políticas.

Estas transformações podem ser consideradas como alicerces para novas imposições e realidades escolares, dos quais o educador deverá se inserir e instigar o aluno a inserção. No entanto, o professor necessita de tempo e formação para a adequação às novas competências e habilidades. Na realidade, o tempo e a formação não são recursos

disponíveis ao educador que está sobrecarregado de disciplinas e turmas, dificultando, assim a capacidade do profissional em atender as exigências das novas bases escolares.

Com isto, a tarefa de ser professor não é fácil, envolve desde o conhecimento da matéria, dos recursos didáticos, do diálogo com os alunos, do conhecimento das externalidades, da interdisciplinaridade de relações e práticas, até mesmo a frequente capacidade de mudar ideais, métodos e didáticas frente às novas realidades, sendo indiscutível seu papel em promover a educação, nos diversos níveis escolares, merecendo assim reconhecimento pelo seu papel na educação e sociedade.

Entretanto, ao invés de valorização profissional ocorre a adição de dilemas profissionais, entre eles: a baixa remuneração, a desvalorização profissional e social e as excessivas jornadas de trabalho que desmotivam o professor e comprometem a qualidade de ensino.

Na Geografia Escolar, as exigências e dilemas apresentam novas conotações, principalmente pelo tratamento com a realidade vivida do aluno e a inserção de recursos tecnológicos em sala de aula.

Assim, pensar em educação requer levar em consideração muitos artefatos com: as políticas públicas, as realidades escolares e as práticas docentes integradas num sistema que nem sempre condiz com a teoria educacional.

Pensando nisso, este artigo tem como objetivos estabelecer uma reflexão e análise sobre os dilemas profissionais da educação e o papel do professor, nesse contexto de modernidade e mudanças curriculares, a fim de contribuir com as discussões educacionais, viabilizando a qualidade de ensino.

Educação e o professor de Geografia: dilemas profissionais

Atualmente, o ensino escolar vem passando por uma série de mudanças, diante da inserção de técnicas em um mundo globalizado, ou seja, de acessíveis fontes de conhecimento e trocas de mensagens, voltado para as novas tecnologias, dos quais estas são rapidamente superadas por outras mais rápidas e modernas.

Isto faz com que os alunos estejam cercados por tecnologias e as dominam muito bem, requerendo ao professor se adaptar aos avanços tecnológicos, buscando superar e quebrar paradigmas antigos da educação tradicional, que consistia somente de aulas expositivas, modelo no qual o professor era detentor do saber ensinado, utilizando-se de poucos materiais didáticos e ausência de recursos tecnológicos em sala de aula.

A escola e sociedade exigem dos docentes novas atitudes: a) assumir o ensino como mediação, b) obter uma prática interdisciplinar, c) persistir no empenho de auxiliar os alunos de forma crítica, de associar conteúdo e realidade, d) desenvolver nos alunos uma capacidade comunicativa, e) reconhecer o impacto das novas tecnologias da comunicação e informação na sala de aula, f) valorizar a diversidade cultural, g) investir na atualização científica, h) saber orientar os alunos em valores e atitudes em relação à vida, ao ambiente, às relações humanas, a si próprios (LIBÂNEO, 2000).

Além disso, nesta era da informação e da comunicação, o professor não é o único transmissor do saber e tem de situar-se nas suas novas circunstâncias vivida. O aluno também já não é mais o receptáculo a deixar-se recheiar de conteúdos. Assim, o papel do docente impõe-lhe novas exigências, tais como: aprender a gerir e a relacionar informações, construindo o conhecimento (ALARCÃO, 2003).

Reforça Hagemeyer (2004, p.64)

O contexto atual, em que os problemas político-econômicos estão aliados à vertiginosa evolução científica e tecnológica, reflete-se em mudanças nas formas de ser e viver dos homens em todos os níveis, desconcertando a quem tem a profissão de ensinar/formar crianças e adolescentes.

Em meio a tanta mudança, o professor fica “desorientado”, sem saber como lidar com tantas exigências, principalmente no que diz respeito à falta de motivação dos alunos e baixa qualidade de ensino.

Diante disso, Nóvoa (1995) descreve que as transformações sociais, políticas e econômicas aumentaram as responsabilidades do professor que, além de transmitir conhecimento, precisa atuar como facilitador da aprendizagem, organizador de trabalhos em grupos, preocupar-se com a integração social, com os fracassos escolares e manter-se atualizado.

Os fracassos escolares, muitas vezes, são atribuídos ao educador que não soube lidar com o aluno, gerando cobranças e descrédito ao papel do professor e suas competências que, juntamente com os baixos salários causam um baixo prestígio social ao profissional educacional. Conforme Esteve (1995, p. 95),

A sociedade parece que deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor; os professores enfrentam a sua profissão com uma atitude de desilusão e de renúncia, que se foi desenvolvendo em paralelo com a degradação da sua imagem social.

Dessa forma, Hagemeyer (2004, p.70) afirma “a profissão docente, nas últimas décadas, se depara com um processo de valorização/desvalorização, crítica e perda de identidade”, juntamente com isso, o esforço exigido pela profissão faz com que os profissionais da educação demonstrem sinais de esgotamento (HAGEMEYER, 2004), implicando no aparecimento de problemas de saúde mental e física e também o mal-estar docente.

Estes problemas decorrem segundo Nóvoa (1995) de um conjunto de reações dos professores, como grupo profissional que se desajusta frente à mudança social. Alguns fatores, entre eles as imposições administrativas, isolamento, falta de tempo, material adequado, excesso de alunos, condições salariais precárias são marcantes no desencadeamento deste mal-estar docente.

O mal-estar docente refere-se à manifestação de sentimentos de desconforto, ansiedade e instabilidade emocional que se evidenciam na tensão entre as possibilidades reais e ação do professor em situações em que o mesmo não tem condições subjetivas e objetivas de intervir, não sendo um fenômeno recente, mas que atingiu uma expressiva dimensão na atualidade (ARANDA, 2007).

Na tentativa de diminuir o mal-estar docente é importante que haja a criação de políticas permanentes de estímulo à sua profissionalização: jornada única, plano de carreira, formação continuada, valorização profissional e social, gratificação por dedicação exclusiva ao magistério, reajustes salariais e melhoria infraestrutural das condições de trabalho (REIS; REIS, 2010, p. 2741), pois, com a valorização profissional do educador poderá se obter qualidade na educação, permitindo o melhoramento do desempenho do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Numa outra perspectiva, é necessária a constituição de uma nova concepção de educação, cujo professor é responsável pelo ensino-aprendizagem do aluno e não pela educação de valores e comportamentos que é atribuição da família. Quando família e escola assumirem juntas a formação dos alunos, alguns problemas como o mal-estar docente e a

indisciplina escolar poderão ser contornadas para um ensino melhor.

Outra dificuldade do profissional educacional é a diversidade de alunos e do entorno escolar, vistas através da alteração do grupo familiar e social, nos quais muitas crianças convivem com pais separados, a ausência dos membros familiares e/ou novas estruturas familiares, como as uniões homoafetivas, além das desigualdades, das diversas culturas e etnias presentes no cotidiano escolar, dos quais o professor precisa saber lidar para não desprezar as diferenças, ensinando os alunos a valorizar todos os seres humanos e coibir o bullying nas escolas (atos de violência física e moral que acontece intencionalmente, por um grupo de indivíduo, causando ao agredido dor e angústia).

Salienta-se também que as novas políticas de inclusão social trouxeram novas realidades e dificuldades para o âmbito escolar, principalmente pelo fato dos profissionais serem pouco qualificados para o atendimento dos alunos com necessidades especiais, e com isto, novos desafios e preocupações surgiram entre os professores, mascarando, em muitas vezes, o ensino-aprendizado como menciona Sant'ana (2005) a implantação da educação inclusiva tem encontrado limites e dificuldades, em virtude da falta de formação dos professores das classes regulares para atender às necessidades educativas especiais, constituindo-se assim em um sério problema na implantação de políticas desse tipo.

Nesse contexto, a educação de qualidade aparece como o foco de discussões e das preocupações da sociedade e de governantes, que voltam os holofotes para o professor, que é responsabilizado por grande parte dos aspectos negativos da educação. No entanto, vê-se a proliferação de políticas desconexas entre si e sem infraestrutura adequada para a sua efetivação, ou políticas sem uma continuidade, por exemplo, políticas que são abandonadas com as trocas de governantes, assim quando a escola e os profissionais estão caminhando para atender as novas diretrizes acontece uma quebra e mudança das estruturas teóricas e regras, inviabilizando o ensino-aprendizagem.

No que tange o ensino da Geografia Escolar, outras dificuldades são salientes na prática docente, sendo algumas delas relacionadas à maneira como são conduzidas as metodologias e as práticas didáticas que são utilizadas pela geografia escolar em sala de aula. Além disso, outras situações, algumas delas já citadas, também são enfrentadas pelos profissionais: baixa remuneração, formação inicial desqualificada, excesso de carga horária de trabalho semanal e ausência da família na escola, além de ser notório, o excesso de turmas, provocados pela pouca carga horária da disciplina, o que dificulta a elaboração de aulas e recursos didáticos (LANDIM NETO; BARBOSA, 2010).

Para Pontuschka (2000) não é possível discutir o ensino-aprendizagem em Geografia sem antes pensar que a disciplina faz parte do contexto escolar. Então quando ocorre a análise do ensino aprendizagem da geografia deve-se levar em conta o todo, para ter um resultado mais abrangente da educação.

Por outro lado, Kaercher (2009) diz que os alunos não têm paciência para ouvir os professores, por esse motivo o ensino da Geografia Escolar segue desacreditada pelos mesmos, isso se deve, porque muitos professores ainda mantêm uma metodologia tradicional em sala de aula, fazendo pouco uso das tecnologias.

Na atualidade, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) evoluem muito rápido e os professores, especialmente de geografia, necessitam dar um novo enfoque na sua metodologia em sala de aula. Porém, muitas vezes, o mesmo encontra-se com dificuldades no tratamento destas novas tecnologias, além de pouco tempo e recursos financeiros, sejam próprios ou por meio de incentivo institucional, para buscar uma capacitação profissional.

Segundo Landim Neto e Barbosa (2010, p. 162)

O ensino de Geografia deve permitir aos educandos uma análise crítica da realidade, pois estes devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados na família, na comunidade, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participam. Dessa forma, tem-se uma tomada de consciência sobre as responsabilidades, os direitos e deveres sociais, com o intuito de efetivamente tornar o aluno agente de mudanças desejáveis para a sociedade.

Assim, a missão da Geografia Escolar é a de formar os educandos para a vida, pois, os mesmos devem saber posicionar-se de forma crítica e reflexiva perante os problemas enfrentados em família e no convívio em sociedade. Nesse sentido, o professor de Geografia da escola pública tem que vencer alguns obstáculos para conseguir alcançar esses objetivos, como: a falta de recursos didáticos, pouca carga horária semanal, bem como o pouco prestígio e a falta de interesse dos alunos pela disciplina. Além disso,

Tradicionalmente, os conteúdos ensinados na Geografia escolar são marcados pela fragmentação do saber e pelo distanciamento da realidade cotidiana dos educandos. Por isso não é estranho afirmar que esta postura tem contribuído para uma aprendizagem mecânica, que em nada ajuda o aluno a dar sentido aos saberes geográficos. Infelizmente, essa é uma realidade que persiste na maioria das escolas brasileiras (LANDIM NETO; BARBOSA, 2010, p. 162).

No que diz respeito à qualidade de ensino de forma geral, são necessárias algumas mudanças, entre as quais se destacam: novos métodos didáticos aplicados pelo professor em sala de aula, políticas públicas, novas formações educacionais e reconhecimento do educador.

Destaca Hagemeyer (2004, p.82) que “as mudanças nas políticas de pesquisa e de aperfeiçoamento profissional, reorganizadas sob novos parâmetros, podem se constituir em novas possibilidades de formação” do docente contribuindo para o melhoramento da prática docente e conseqüentemente do ensino.

Neste sentido, a qualidade educacional será possível com o resgate da valorização social e profissional do docente, investindo em um piso salarial coerente com a sua formação e resgatando o seu status social. O aumento da renda do professor permite que ele diminua a carga horária semanal, e assim desgaste-se menos em relação à indisciplina dos alunos e sinta-se mais motivado no desenvolvimento das atividades didáticas (SOUZA, 2008).

Assim, somente com uma mudança em vários segmentos da educação é que se poderá modificar a realidade educacional vivida, nos dias atuais, ou seja, a mudança precisa ser em conjunto, escola, governo, família, alunos e comunidade escolar para assim dar conta das necessidades educacionais e diminuir os problemas e conflitos.

Repensando os caminhos da Geografia Escolar entrelaçados com o papel do professor no processo de ensino–aprendizado

Na constituição da Geografia Crítica, novas preocupações tomam conta da Ciência Geográfica, neste sentido, “o discurso pedagógico da Geografia Crítica procura desestabilizar as formas de entender o mundo, defendendo outros direcionamentos para as análises geográficas geradas a partir das insatisfações pelas explicações sobre as desigualdades sociais e as contradições espaciais em decorrência das relações capitalistas” (MARÇAL, 2012, p. 39).

As novas propostas de ensino estão voltadas a uma tendência de flexibilidade em relação às orientações teórico-metodológicas da ciência geográfica, ou seja, o reconhecimento do potencial das diferentes tendências do pensamento geográfico. Isso se

explica pelo fato de as propostas de ensino produzidas na década de 1990 terem incorporado temas ligados ao papel da cultura nas aprendizagens, à diferença, ao papel da mídia, à interdisciplinaridade entre outros (ZANATTA, 2010).

No que tange a mídia, os alunos sentem-se atraídos por elas e perdem o interesse pelas tradicionais aulas do professor, como argumenta Hagemeyer (2004) nos dias de hoje, o acesso ao conhecimento acontece concomitantemente à influência da mídia (televisão, internet, revistas, cinema, vídeos etc.), as relações que se dão na sociedade, como os grupos de amigos, as tribos urbanas, provocando uma mudança de valores e deixando os professores “perplexos” com esta nova realidade.

Diante das mudanças que vêm acontecendo no espaço global, a ciência geográfica tem a necessidade de mudar suas formas e análise dos conteúdos, conforme Silva (2007, p. 174): “o ensino de geografia precisa evoluir, experimentar alterações que reflitam as transformações mundiais”. A Geografia Escolar não pode ficar presa ao tradicionalismo, pois a sociedade, o espaço e os alunos mudaram, reivindicando assim, novas transformações didáticas, abordando uma mudança de raciocínios e práticas, envolvendo o educando.

Quando são abordadas novas formas e diretrizes de ensino, não se trata de mascarar a realidade, inserindo, por exemplo, o computador no contexto das aulas, ou a realização de uma aula ao ar livre, mas uma mudança complexa, envolvendo estrutura, métodos, formação do professor e recursos didáticos. Como professores que não tiveram em sua formação a prática pedagógica da utilização de recursos tecnológicos farão aulas modernas? Como uma escola que não dispõe de recursos proporcionará aulas mais dinâmicas? Enfim, muitos questionários esbarram na concepção de mudanças de ensino.

Entretanto, quando refere-se à realidade de sala de aula, parece ficar evidente que a formação do licenciado em Geografia continua acontecendo sem romper com a “moda antiga” com a utilização dos tradicionais “mapa mundi”, giz, aulas expositivas, alguns poucos livros são suficientes e se mantêm hegemônicos. Poucas inovações educacionais têm sido acrescentadas à sala de aula, o que de certa maneira vem na contramão de tendências recentes que primam por uma formação que valorize a “capacidade de aprender” com autonomia intelectual (SILVA, 2007).

Em relação às práticas, a constatação mais evidente, é de que o ensino de Geografia continua ainda com fortes traços do ensino tradicional, observada pela presença da aula expositiva, memorização e desconsideração do mundo do aluno, sendo ainda práticas pedagógicas desinteressantes, pouco atrativas, em que os conteúdos não mobilizam os alunos a se apropriarem de conceitos geográficos para compreensão e atuação na realidade, como deveria fazer um cidadão (ZANATTA, 2010).

Nesta ótica, no bojo da Geografia Escolar, Silva (2007, p.172) afirma “as novas tecnologias, dentro de um projeto pedagógico inovador, facilitam e estimulam o processo de ensino-aprendizagem na geografia”.

Contudo, não basta apenas substituir o quadro, o mapa e o giz por recursos tecnológicos, mas associá-los aos demais recursos didáticos, e a uma mudança de paradigmas, a fim de se construir o aprendizado, na atualidade. Caso contrário, estar-se-á mascarando a realidade educacional (MORAN, 2000, p. 63).

Nesta discussão ainda, Cavalcanti (2002, p.47) salienta que:

O ensino de Geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas. O exercício da cidadania na sociedade atual, por sua vez, requer uma concepção, uma experiência, uma prática –

comportamentos, hábitos, ações concretas – de cidade.

Diante disso, a Geografia Escolar precisa valorizar os conhecimentos prévios e vividos pelo aluno, para permitir uma articulação entre os conceitos e a construção de saberes. Nesta visão, Castelar (2000, p. 31) diz que: "ao ensinar geografia, deve-se dar prioridade à construção dos conceitos pela ação da criança, tomando como referência as suas observações do lugar de vivência para que se possa formalizar conceitos geográficos."

É significativo preservar os conhecimentos dos alunos quanto aos espaços vividos, levando em conta que eles são uma construção constante e dinâmica, e nessa construção interferem sua experiência, seus deslocamentos cotidianos, seu contexto familiar e social, e também suas experiências e conceitos (CAVALCANTI, 2008).

O processo didático-pedagógico da Geografia Escolar, neste início de século, suscita reflexões sobre as questões espaciais, os fatos e os acontecimentos locais, regionais, nacionais e/ou globais, trabalhando com a noção de escala geográfica, ou seja, a escala do recorte espacial, da análise do espaço geográfico (OLIVEIRA, 2006), pois o ensino de geografia tem que pensar o geográfico e as relações sociedade e natureza (CAVALCANTI, 2002).

A Geografia como ciência permite uma discussão sobre a sociedade e natureza, aproximando várias temáticas do cotidiano dos alunos, tais como: estudar a cidade, o meio rural, os problemas ambientais, a economia, a globalização, as transformações mundiais e o espaço-tempo.

O ensino de Geografia objetiva então, conforme Moreira (1982), estudar as diferenciações espaciais na superfície terrestre. Nesta discussão, menciona ainda Oliveira, (2003, p.142) "cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza".

Com isto, o papel do professor de geografia é expressivo, pois além do preparo das aulas, do cuidado com os conhecimentos prévios e da construção para a geração de novas habilidades, precisa a todo o momento instigar os alunos a participar e interagir no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, motivar os alunos a aprender e ainda lidar com as diversas temáticas e mudanças da sociedade - mundo.

Ressalta Antunes (2002) que o professor ao invés de ser o dono do saber, proprietário do conhecimento deve ensinar o aluno a pensar a transformar informação em conhecimento, e ajudar o aluno a se tornar uma pessoa diferenciada ao desenvolver competências, aprimorar habilidades.

Assim, no processo de ensino-aprendizagem, o professor é um agente que atua em conjunto com seus alunos, com troca constante de conhecimento e informações. Sendo o professor, também um mediador do processo para afirmação afetiva e social do aluno. (CAVALCANTI, 2002).

Neste ponto de vista, o papel do professor é ainda maior, no qual, o mesmo deve ser o mediador do conhecimento adquirido pelos alunos na vivência social, na escola ou diante das redes de comunicações, orientando a investigação, provocando questionamentos, desafiando-os e auxiliando no ensino-aprendizado a partir do fornecimento de fontes e informações, ele não pode ser apenas um expositor de conteúdos, já que aprendizagem consiste-se numa construção e também pelo fato que nos dias de hoje, existem vários meios de reprodução do conhecimento (AQUINO, 2007).

De acordo com Manfio (2012) a atuação do professor é memorável, para a construção de valores sociais, educando para o trabalho e a prática social, gerando

cidadãos conscientes. Assim, observam-se as inúmeras responsabilidades de um professor, tornando o ato de ensinar extremamente difícil, mas sem dúvidas, os educadores têm um papel importante na sociedade e na educação.

Desta forma, o ensino da Geografia não pode ser um ato mecânico, resumido ao ato de informar, no qual o professor dá atividades e o aluno realiza. Tem que ser um ato muito mais complexo, no qual a discussão, o debate, a reflexão sejam estimulados constantemente, contribuindo assim, para a construção das competências sócio-político-culturais (GROU; JÚNIOR AVELINO, 2009). Essa construção de conhecimentos ocorre entre a interação alunos e professor, com atividades que permita a visualização do real e da teoria como a construção de maquetes, vulcões, passeios, pesquisas na internet, jogos de computadores voltados ao ensino, entre outros.

Como diz Cavalcanti (2002) o ensino é um processo que compõe a formação humana em sentido amplo, apanhando todas as dimensões da educação: intelectual, afetiva, social, moral, estética, física. Por isso, necessita a construção de conceitos e do desenvolvimento de capacidade e habilidades para proporcionar a formação de atitudes, valores e convicções. Ainda Castrogiovanni (2007, p. 25) coloca “nós, professores, temos como tarefa conquistar os corações de nossos alunos diariamente, com dedicação, afeto e autoridade pedagógica”.

O professor é o profissional que trabalha com ser humano, cuida do desenvolvimento do outro e tem como objetivo a aprendizagem. Está na base do seu trabalho o aspecto relacional, humano, implicando na sedução do aluno pelo desejo de aprender, sendo a relação afetiva entre professor e aluno é fundamental para que o objetivo seja alcançado (SILVA et al., 2013).

Mas como promover o ensino-aprendizagem num período, cujas fontes de informação são tão acessíveis, e os alunos perderam os limites dentro da sala de aula, negligenciando a importância do educador?

Nesta questão, ensinar precisa utilizar métodos que desperte o interesse dos alunos. Castrogiovanni (2007, p. 25) afirma que as práticas didáticas devem ser propostas de “[...] forma lúdica, inquietante que desperte a curiosidade, envolvendo o sujeito e transformando seu estado intelectual.”

Deste modo, o conteúdo que o professor passa não tem validade pelo que ele informa, mas pela maneira como ele pode transformar a informação em conhecimento (ANTUNES, 2002). Para isto, constantemente, o professor precisa criar situações de aprendizado e construir novas metodologias e recursos de ensino.

Neste ponto de vista, o professor precisa criar novas maneiras de motivar e buscar a participação dos alunos frente à sala de aula, proporcionando a valorização do cotidiano do aluno. A utilização de recursos lúdicos e do meio digital, através de recursos tecnológicos, tem sido alternativas para despertar do interesse dos educandos.

Considerações Finais

A educação é um processo complexo, envolvendo várias realidades, segmentos sociais e pensamentos, sendo de fundamental contribuição as pesquisas e discussões sobre esta temática, principalmente pelas dificuldades de promover o ensino-aprendizagem de maneira qualificada, especialmente num mundo em constante mudança.

A sociedade está diante de novas formas de vida e relações interpessoais lado a lado com novas tecnologias, que facilmente têm sido inseridas no cotidiano extraescolar do

aluno, promovendo o conhecimento e gerando assim, novas exigências e competências da parte da escola e do professor.

Diante disso, é necessário pensar a educação de forma nova, com a inserção de novos recursos didáticos e assuntos, rompendo as barreiras tradicionais da educação, porém o professor precisa ser valorizado, tanto como pessoal e profissional, com melhores salários, respeito e tempo para formações e estudos adicionais, pois sem o professor não haverá uma mediação entre conhecimento, e tão pouco a formação de profissionais em diferentes áreas.

Assim, o professor tem um papel fundamental de mediar e construir o aprendizado, despertando o interesse e criatividade dos alunos diariamente, tarefa extremamente complexa e que necessita da participação e envolvimento de todos os segmentos educacionais: família, escola e sociedade, com menos cobranças aos professores e mais ações conjuntas. Não que o professor não possa ser responsável pelos erros escolares, mas certamente ele não é o único, é somente uma ponta da estrutura que carrega o sistema educacional.

Por outro lado, a educação precisa atrair o educando, criando situações de aprendizado diferenciadas, mas deve impor regras e limites que promovem a socialização. Este aprendizado deve ser espontâneo e concreto, não apenas uma superposição de teorias e técnicas didáticas informacionais que não fortalecem a aprendizagem. Quando as novas tecnologias são utilizadas que sejam para criar novas habilidades, e não apenas para demonstrar que a escola faz parte do processo moderno de educação, precisa de comprometimento e conhecimento do professor no uso e na associação com o conteúdo, caso contrário estar-se-á mascarando a realidade educacional e apresentando à sociedade “analfabetos funcionais”- pessoas diplomadas, mas sem condições de atuar no contexto profissional e social.

Contudo, os profissionais da educação terão que romper muitas barreiras para alcançar a qualidade de ensino e vencer as dificuldades educacionais, porém certamente a motivação de despertar ao educando novos valores e conhecimentos fazem do professor um ser fundamental e brilhante mesmo diante de tantas críticas.

Referências

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ANTUNES, C. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. São Paulo: Artmed, 2002.
- AQUINO, J. **O aluno, o professor e a escola: Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ARANDA, S.M. **Um olhar implicado sobre o mal – estar docente**. 147 f. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- CASTELLAR, S.M.V. A alfabetização em geografia. **Espaços da Escola**, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.
- CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.). **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- CASTROGIOVANNI, A.C. **Ensino da geografia: caminhos e encantos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- ESTEVE, J.M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, 1995.
- GROU, E.C.; AVELINO JÚNIOR, F.J. A Prática do Professor no Ensino da Geografia na Rede Pública de Ensino no Município de Três Lagoas/MS: O Professor em Foco, da Teoria à Prática. In: 10º Encontro Nacional de prática de ensino em Geografia. **Anais eletrônicos..** Porto Alegre, ago./ set. 2009. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20\(12\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20(12).pdf). Acesso em: 21 jan. 2013.
- HAGEMEYER, R.C. de C. Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança. **Educar**. Curitiba, n. 24, p. 67-85, 2004.
- KAERCHER, N.A. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, N.; OLIVEIRA, A.U. (Orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 221-231.
- LANDIM NETO, F.O.; BARBOSA, M.E.S. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. **Revista eletrônica Geosaberes**. v. 1, n. 2, dez/2010. p. 160-179.
- LIBÂNEO, J.C. **Adeus Professor, Adeus Professora?:** Novas exigências educacionais e profissão docente. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MANFIO, V. O ato de educar: discutindo o papel do professor no contexto educacional da atualidade. IN: XVI Jornada Nacional de Educação - Educação: Território de saberes, 2012, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** Santa Maria, Centro Universitário Franciscano, 2012.
- MARÇAL, M. da P.V. As representações sociais sobre o conceito e a Importância do Ensino de Geografia. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 6, v. 6, n. 11, p. 34-46, jul-dez 2012. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/432/187>. Acesso em: 22 jan. 2013.
- MORAN, J.M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- MOREIRA, I.A.G. **O Espaço Geográfico: Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.
- NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In NÓVOA, A. (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 2. ed., 1995.
- OLIVEIRA, A. U. de. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, A. U. et al. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. 8ª. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-144.
- OLIVEIRA, M. M. de. A Geografia Escolar: Reflexões sobre o Processo Didático-Pedagógico do Ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis – SC, Nº 02, p. 10-24, jun/2006. Disponível em: <http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed02/artigo01.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2013.
- PONTUSCHKA, N.N. Geografia, Representações Sociais e Escola Pública. **Terra Livre**. São Paulo, n. 15, p. 145-154, 2000.
- PONTUSCHKA, N.N. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001.

- REIS, J.R. dos; REIS S. da S. Professor do ensino superior: considerações sobre a (in) existência de um perfil ideal. In: XIX Encontro Nacional do CONPEDI. **Anais eletrônicos...** Fortaleza- CE, Jun. 2010. Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3382.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2013.
- SANT'ANA, I.M. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, mai./ago. 2005.
- SILVA, M.P.G.O.; et. al. A Silenciosa doença do professor: burnout, ou o mal estar docente. **Revista Científica Integrada**. Guarujá – SP, v.1, n. 2, 06 jun. 2013. Disponível em: www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/edicao-n-2.../file. Acesso em: 20 de jan. de 2015.
- SILVA, V. P. da. A formação do professor de Geografia na era da informação. **Revista Geosul**. Florianópolis, v. 22, n. 43, p 167-198, jan./jun. 2007.
- SOUZA, E.F. **Os reflexos da contemporaneidade na profissão docente**. 121f. 2008. Dissertação (Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais) - Universidade do Estado de Minas Gerais. Divinópolis, 2008.
- ZANATTA, B. A. As referências teóricas da geografia escolar e sua presença na investigação sobre as práticas de ensino. **Revista Educativa**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 285-305, jul./dez. 2010.